



Boletim do Museu Paraense Emílio
Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

boletim.humanas@museu-goeldi.br

Museu Paraense Emílio Goeldi
Brasil

Facundes, Sidi; Melo Neves, Alana Samara; de Lima-Padovani, Bruna Fernanda
Estudos comparativos sobre Apurinã baseados em documentos antigos
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 10, núm. 1, enero-
abril, 2015, pp. 143-158
Museu Paraense Emílio Goeldi
Belém, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394051441007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Estudos comparativos sobre Apurinã baseados em documentos antigos Apurinã comparative studies based on old documents

Sidi Facundes^{1, II}, Alana Samara Melo Neves^I, Bruna Fernanda de Lima-Padovani^I

^IUniversidade Federal do Pará. Belém, Pará, Brasil

^{II}Thammasat University. Bancoque, Tailândia

Resumo: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa comparativa dos dados da língua Apurinã (Aruák), falada pelo povo Apurinã no sudeste do estado do Amazonas, e com base em dados dessa mesma língua registrados em documentos antigos. A ideia é que, após a etapa de reconstrução interna dessa língua, poderemos reconstruir formas lexicais antigas e depois compará-las a formas cognatas presentes em línguas próximas de Apurinã, neste caso, Piro e Iñapari. Tivemos como principais objetivos: (i) contribuir para a descrição da língua, especialmente em relação ao desenvolvimento dos principais traços 'dialetais'; e (ii) contribuir para estudos histórico-comparativos aruák, que partem de uma abordagem *bottom-up*. A aplicabilidade do método histórico-comparativo, principalmente, reconstrução interna, permite determinar a presença de formas lexicais em documentos antigos, os quais corresponderiam a variantes distintas presentes nas variedades atuais do Apurinã moderno. A determinação da presença de tais variações nos permitirá identificar formas mais antigas entre as variantes que existem atualmente na língua. A partir desse conhecimento, poderemos construir hipóteses sobre o desenvolvimento dessa variedade lexical e postular qual entre elas é a mais antiga. Os resultados, portanto, contribuem para o conhecimento do passado da língua e do povo Apurinã e para estudos histórico-comparativos da família aruák.

Palavras-chave: Apurinã. Aruák. Dialectos. Reconstrução interna.

Abstract: The present work is the result of comparative linguistic research on data from the Apurinã language (Arawak) as currently spoken by the Apurinã people in the south-eastern part of the state of Amazonas, and on Apurinã language data registered in old documents. After internal reconstruction of the language, we reconstruct ancient lexical forms and compare them to cognate forms in languages closely related to Apurinã, Piro and Iñapari. We have as main objectives (i) to contribute to the description of the language, especially regarding the development of major dialectic aspects, and (ii) to contribute to historical-comparative studies of Arawak using a 'bottom-up' approach. The application of the historical-comparative method, mainly internal reconstruction, allows us to determine which lexical forms in ancient documents could correspond to different variants in modern Apurinã. This helps us to identify older forms among the variants that presently exist in the language. From this knowledge, we build hypotheses regarding the development of this lexical variety and postulate which among them is the most ancient. The results contribute to the knowledge of the past of the Apurinã language and people and to historical-comparative studies of the Arawak family.

Keywords: Apurinã. Arawak. Dialects. Internal reconstruction.

FACUNDES, Sidi; NEVES, Alana Samara Melo; LIMA-PADOVANI, Bruna Fernanda de. Estudos comparativos sobre Apurinã baseados em documentos antigos. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 10, n. 1, p. 143-158, jan.-abr. 2015. DOI: 10.1590/1981-81222015000100007.

Autor para correspondência: Sidi Facundes. Universidade Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação. Faculdade de Letras. Laboratório de Ciências da Linguagem. Rua Augusto Corrêa, s/n – Guamá. Belém, PA, Brasil. CEP 66075-900 (sfacundes@gmail.com). Recebido em 30/06/2012

Aprovado em 17/03/2015

INTRODUÇÃO

Estudos comparativos realizados por Facundes (2000, 2002) e Facundes e Brandão (2011) constataram que há uma proximidade entre as línguas Apurinã, Piro e Iñapari. Tal conclusão foi fundamentada por meio de uma comparação entre formas lexicais nessas três línguas, seguida pelas etapas de identificação de cognatos e de reconstrução das protoformas, que corresponderiam a um estágio anterior à separação destas línguas em relação à sua língua-mãe – possivelmente proto-Apurinã-Piro-Iñapari. A partir dessa comparação, os autores sugeriram algumas inferências sobre a protocultura e pré-história dos povos falantes dessas línguas. No presente trabalho, analisamos dados antigos, coletados para a língua Apurinã pelos primeiros viajantes que tiveram contato com aquele povo nos séculos passados, com dois objetivos principais: (i) contribuir para a descrição da língua, especialmente em relação ao desenvolvimento dos seus principais traços dialetais, comparando quais entre as variantes do Apurinã aparecem nos registros antigos da língua; e (ii) contribuir para estudos histórico-comparativos aruák, que partem de uma abordagem *bottom-up* (da base para o topo), tal como exemplificado em Facundes e Brandão (2011), onde se busca inicialmente reconstruir os menores subagrupamentos de línguas com menor profundidade temporal, isto é, aqueles cujas línguas divergiram-se mais recentemente como línguas distintas, para depois tentar reconstruir os subgrupos com maior profundidade temporal (os de divergência mais antiga).

O Apurinã é uma etnia indígena e uma língua minoritária falada no sudeste do estado do Amazonas. Nossa investigação foi feita a partir dos dados encontrados em documentos antigos sobre Apurinã, utilizando-se, para isso, de métodos histórico-comparativos e, principalmente, de reconstrução interna. Os resultados da análise permitem determinar a presença de formas lexicais em documentos antigos, as quais correspondem a variantes distintas presentes nas variedades atuais do Apurinã moderno, variações que ocorrem nos níveis fonológico e lexical. A determinação da presença ou não de variações em estágios antigos da língua Apurinã, e de quais variações específicas são elas, nos permitirá tanto identificar algumas das formas mais antigas entre as variantes atualmente existentes, como também construir hipóteses sobre o desenvolvimento delas. Os resultados, portanto, contribuem para o conhecimento do passado da língua e do povo Apurinã e para estudos histórico-comparativos da família aruák.

ESTADO ATUAL DOS ESTUDOS SOBRE APURINÃ E A FAMÍLIA ARUÁK

O presente trabalho faz parte de um quadro recente de pesquisas, em que o avanço nas descrições de línguas da família aruák tem viabilizado algo que não era possível há alguns anos: a) comparação entre dados confiáveis de línguas distintas; b) identificação mais confiável de cognatos entre elas; c) reconstrução de formas ancestrais dessas línguas; d) verificação de subagrupamentos linguísticos; e) reconstrução (por meio de inferências) de conceitos sobre a protocultura e pré-história desses povos minoritários. Formas antigas, faladas no passado, que conceituavam elementos da fauna e da flora, da geografia e de costumes etc. podem ser reconstruídas e, a partir delas, pode-se fazer inferências acerca dos antepassados de um povo. Os motivos que impulsionaram esta pesquisa advêm da necessidade de verificar – e, quando for o caso, de reconstruir – os subagrupamentos aruák até então postulados; no nosso caso, do ramo Apurinã-Piro-Iñapari (Figura 1). Alguns estudos anteriores, como os de Matteson (1972), apresentam problemas no uso do método histórico-comparativo; outros não levaram em consideração descrições mais recentes (por exemplo, Payne, 1991; Aikhenvald, 1999; Ramirez, 2001) e fizeram uma abordagem *top down*, tentando reconstruir as formas do Proto-Aruák, sem reconstruir as famílias intermediárias.



Figura 1. Localização aproximada das línguas da família aruák. Fonte: Facundes e Brandão (2011).

O trabalho preliminar publicado em Facundes (2002) segue uma abordagem de *bottom-up*, ou seja, em que são propostos inicialmente os subagrupamentos menores, antes de se postular todo o grupo maior e mais antigo, isto é, o proto-aruaák, a partir da comparação entre tais subagrupamentos. O subgrupo aruaák chamado Proto-Apurinã-Piro-Iñapari, no contexto no qual esta pesquisa se encaixa, é uma hipótese ainda sob investigação, sugerida por retenções lexicais, tais como aquelas apresentadas em Brandão e Facundes (2007)¹, cujos números são reproduzidos na Tabela 1. Nessa tabela, os números em realce sugerem maior proximidade de Apurinã, Piro e Iñapari entre si do que entre qualquer dessas três línguas e outras línguas da família aruaák.

Facundes (2002), Brandão e Facundes (2007) e Facundes e Brandão (2011) utilizaram o método histórico-comparativo. Como nosso foco aqui são as variedades do Apurinã apenas, levando em consideração dados de Piro e Iñapari somente para estabelecer qual entre duas ou mais formas variantes é a mais antiga em Apurinã, utilizamo-nos principalmente do método de reconstrução interna. Levamos em consideração também os conhecimentos revelados a partir de estudos sobre mudanças linguísticas envolvendo algumas formas lexicais alterando-se para formas gramaticais, outras formas gramaticais adquirindo outras funções gramaticais e, por fim, formas discursivas adquirindo um *status* gramatical; ou seja, processos que tendem a envolver mudanças semânticas (*semantic bleaching*) e reduções fonológicas, típicas de estudos sobre mudanças gramaticais (Campbell, 1999).

¹ A lista utilizada em Brandão e Facundes (2007) baseia-se na apresentada em Payne (1991), na reconstrução da fonologia segmental em proto-aruaik. Ela constitui o conjunto de cognatos entre línguas aruaik mais confiável. Em Brandão e Facundes (2007), essa lista foi atualizada com dados oriundos de pesquisas mais recentes em algumas das línguas comparadas.

Tabela 1. Números de retenções lexicais compartilhadas entre línguas arauák.

	AMU	CHA	PAR	WAU	TER	BAU	IGN	PIR	APU	INA	MAC	ASH	WAP	PAL	CAR	LOK	GUA	RES	ACH	CAB	CUR	PIA	TAR	YUC	YAV
AMU	91																								
CHA	53	93																							
PAR	48	49	104																						
WAU	36	35	58	87																					
TER	45	44	55	42	88																				
BAU	44	51	49	43	61	90																			
ING	42	45	56	44	59	69	91																		
PIR	54/81	54/74	57/65	50/62	56/64	60/64	61/67	107/130																	
APU	47/62	45/68	50/66	42/54	49/60	49/57	51/66	69/13	92/124																
INA	50	60	51	42	50	48	51	92	86	94															
MAC	56	54	49	44	57	52	54	68/78	53/73	55	103														
ASH	62	60	62	50	66	62	66	77/86	66/79	70	100	121													
WAP	31	33	45	40	33	36	41/48	33/45	32	35	43	76													
PAL	40	48	50	45	45	51	55/59	46/56	57	46	54	41	84												
GAR	38	34	50	39	42	39	43	51/57	46/61	44	45	49	40	42	81										
LOK	41	39	58	49	43	44	51	53/66	41/68	52	47	57	45	51	99										
GUA	40	38	49	45	41	45	51	50/58	41/53	44	40	46	43	46	63	86									
RES	44	42	57	44	45	45	44	50/37	46/64	53	49	59	37	42	48	54	45	91							
ACH	33	36	41	39	36	38	33	36/46	34/42	32	31	38	39	33	39	45	41	45	72						
CAB	23	23	29	25	23	23	23	25/30	21/25	21	22	27	22	25	23	31	28	28	29	46					
CUR	46	48	57	47	43	50	50	53/63	43/49	50	41	50	42	43	42	54	47	62	53	30	92				
PIA	47	51	65	52	51	54	53	57/67	47/62	50	45	56	50	49	52	65	50	62	61	40	65	102			
TAR	45	44	60	49	43	48	48	49/62	41/61	27	42	52	46	41	47	64	48	52	54	34	73	72	99		
YUC	47	45	55	42	44	48	49	49/62	42/57	48	43	52	39	49	50	59	45	60	49	39	63	69	68	92	
YAV	46	46	56	48	46	49	53	50/70	47/64	51	50	62	45	48	45	61	50	59	45	28	60	67	62	58	99



O método de reconstrução interna consiste simplesmente em analisar os padrões de variação em uma única língua em busca de traços de propriedades pertencentes à pré-história dessa língua. Por exemplo, a análise das variações alomórficas ou morfofonológicas na língua pode indicar quais entre as variantes seriam as formas mais antigas e possivelmente intermediárias entre o Apurinã contemporâneo e um estágio anterior da língua, posterior à possível cisão do Apurinã de Piro e Iñapari. O método de reconstrução interna é menos confiável do que o método comparativo (Ringe, 2003), mas pode ser informativo, quando usado em combinação com o último (Campbell, 1999).

A relevância da metodologia de estudos sobre mudanças linguísticas, tanto no âmbito da literatura em linguística histórica em geral, como da literatura sobre gramaticalização, manifesta-se quando comparamos o Apurinã em diferentes épocas e identificamos mudanças que ocorreram entre uma época e outra que conduziram à forma contemporânea da língua. Por exemplo, a simples presença de segmentos fonológicos em uma forma antiga, que estão ausentes na forma atual equivalente na língua, pode indicar um processo de atrição fonológica recente; a partir disso, podemos inferir que a forma mais antiga é aquela que conservou tais segmentos fonológicos e, portanto, seria a forma a ser comparada com cognatos em outras línguas aruák.

Já as inferências sobre a pré-história e a protocultura, quando feitas, apoiam-se nos métodos da linguística histórica (Campbell, 1999, entre outros), que se baseiam em uma seleção de conceitos linguísticos reconstruídos para fazer as inferências sobre a pré-história e a protocultura de um povo. A ideia é que formas linguísticas que são de relevância histórica podem informar sobre a pré-história de um povo, sua cultura e sociedade.

Outra questão importante a ser examinada está relacionada aos fatores que produziram a diversidade atual da língua Apurinã, ou seja, suas distintas variedades (ou dialetos). Facundes (2000), Brandão (2006) e Barreto (2007) já haviam demonstrado a existência de diferentes variedades dessa língua, em alguns casos distribuídas em espaços geográficos distintos. Os resultados da pesquisa mostram-se relevantes para a identificação de possíveis fontes e períodos históricos de alguns traços da fonologia segmental que distinguem variedades da língua contemporânea.

Durante a pesquisa retratada neste trabalho, uma base eletrônica de dados linguísticos comparativos aruák, resultante de estudos anteriores, foi atualizada e expandida, para incluir os dados da língua Apurinã atestados nos documentos antigos de Koch-Grünberg (1919), Nimuendajú (1955a) e de Polak (1894).

Em seguida, tais dados foram comparados aos previamente presentes na base eletrônica. Durante esse processo, cada informação foi também verificada junto a um falante nativo da língua. A hipótese preliminar é a de que dados de registros antigos da língua podem revelar informações sobre um passado mais remoto, e que, ao compararmos os antigos aos atuais, é possível identificar processos históricos de mudanças na língua que ocorreram entre as datas das primeiras documentações da língua (século XIX) e a língua contemporânea. Após a conclusão dessa pesquisa, baseada em documentos antigos, uma nova pesquisa foi iniciada, com o objetivo de identificar nos relatos tradicionais Apurinã termos ausentes da fala cotidiana. A ideia seria a de que, talvez, lá se encontrassem formas arcaicas e, entre elas, novos cognatos aruák. Embora essa nova pesquisa ainda esteja em andamento, e por isso não foi tratada aqui, alguns resultados preliminares mostram-se promissores.

A ênfase dada à reconstrução interna do Apurinã deve-se ao fato de que, para entender o passado remoto de uma língua, é importante, antes, compreender o seu sistema linguístico vigente e o seu passado recente. Os elementos investigados foram segmentos da fonologia Apurinã e itens lexicais que variavam de forma consistente nos diferentes registros documentais da língua. Quando essas variações ou alternâncias eram consistentes entre os registros comparados, as correspondências fonológicas podiam indicar processos de mudanças pelas quais a língua passou entre o período do

contato e o período atual. Por exemplo, a correspondência entre ‘ia’ e ‘e’ diante de /k/ em palavras como *kiama* e *kema*, termo usado para designar ‘anta’, sugere que um processo fonológico de monotongação pode ter ocorrido na língua. Esse processo ainda tem um reflexo fonético nas variedades contemporâneas da língua, já que atualmente /k/ aparece pós-palatalizado diante de [ɛ], que é uma variante de /e/. Isso apresenta certos problemas para a seleção da forma básica desse fonema, e sua discussão vai além do escopo deste trabalho². Aqui, o relevante é que os dados nos documentos antigos sugerem que a fonte dessa palatalização é a vogal cheia /i/, no ambiente /k__a/. Portanto, dispor dessas informações mais antigas sobre Apurinã torna os dados dessa língua mais informativos quando comparados aos das outras línguas da mesma família (Piro e Iñapari). Confirmado isso, a forma a ser comparada com outras línguas aruák seria **kiama*, e não *kema*. Procedendo dessa maneira, é possível contribuir para progressos importantes na área de estudos das línguas aruák.

Após a análise dos dados nos registros antigos, percebeu-se que ao menos 891 amostras das formas faladas no Apurinã contemporâneo são comparáveis às formas atestadas nos registros antigos. Além da comparação entre os dados antigos e os do Apurinã atual, armazenados no banco de dados eletrônico, os antigos foram novamente verificados por um falante nativo Apurinã; dessa forma, minimizaram-se problemas de ausências de formas equivalentes, motivadas pela indisponibilidade de informações. O programa Fieldworks Language Explorer (FLEX) foi usado na compilação eletrônica do banco de dados³.

Partindo das distinções entre as variações atestadas no Apurinã contemporâneo (Barreto, 2007), restringimo-nos aos dois tipos mais comuns de variação encontrados na língua: fonológica e lexical. Como exemplo do primeiro tipo de variação, temos as formas para ‘café’, *kapëe* e *kÿpatykyã*, de um total de 108 instâncias de variações lexicais descritas em Barreto (2007). Como exemplo de variação fonológica, temos as formas para ‘água’, *ïpurãa*, *ïparãa* e *ãparãa*, de um total de 191 instâncias de variações fonológicas descritas em Barreto (2007). Esses dois tipos de variações são os principais componentes linguísticos que distinguem as diferentes variedades do Apurinã atual. As Tabelas 2 e 3 são uma reprodução parcial dos dados descritos em Barreto (2007).

Tabela 2. Amostra parcial de variações fonológicas (Barreto, 2007).

Nome em português	Nome em Apurinã	Comunidades								
		km 45	km 124	Camicuã	Peneri	Sepatini	Seruini	Japiim	Vista Alegre	Jatuarana
Abano	ãputa	-	-		x	-	x		x	x
	hãputa			x				x		
Abelha que faz mel	këmapãñã	-	-	-	-	-	-	x		-
	këmapãna								x	
Açaí	tsapiriki	-	-				x	x	x	
	tsaperiki			x	x	x		x		
	sapuriki									x
Açaizeiro	tsapirikina	-	-				x		x	-
	tsaperikina			x	x	x		x		

² Para discussão detalhada sobre este assunto, ver Facundes (2000).

³ O FLEX é produzido pela International Society of Linguistics (outrora, Summer Institute of Linguistics).

Tabela 3. Amostra parcial de variações lexicais (Barreto, 2007)⁴.

Nome em português	Nome em Apurinã	Comunidades								
		km 45	km 124	Camicuã	Peneri	Sepatini	Seruini	Japiim	Vista Alegre	Jatuarana
Abacaxi	anãna	x		x	x	-	x	x	x	x
	ituturã		x							
Abano	pũjamuka	x	-			-				
	(h)ãputa			x	x		x	x	x	x
Abelha	amapite			x	-	x		x	x	-
	mapa	x					x			
	fũnũnu		x							
	kãmarĩiru	x		x						
Agaú	ĩkaũ	x	-	-	x	-	x	x	x	-
	nutapa						x			
Aguidar	musěj	x	-	-	-	-	-	x		-
	kiata								x	

É importante notar que Barreto (2007) fez uso de uma amostra de dados de Apurinã baseada em duas listas de palavras, uma contendo entre 300 e 400 palavras, outra contendo aproximadamente 700 palavras. Portanto, é logicamente possível que o número de variações possa aumentar se mais dados forem levados em consideração. Contudo, outros trabalhos sobre o léxico da língua feitos pelos autores indicam que é improvável que esse aumento seja significativo. Outras variações, além daquelas tratadas em Barreto (2007) e discutidas aqui, estão relacionadas às mudanças mais recentes na língua e resultam do processo de obsolescência linguística diante da substituição do Apurinã pelo português.

RESULTADOS E ANÁLISE

Os grupos de variantes analisados aqui estão entre as principais formas linguísticas que distinguem as diversas variedades atuais do Apurinã. A análise, portanto, não é exaustiva em relação ao total de variantes linguísticas existentes no Apurinã atual. As limitações impostas incluem, de um lado, a disponibilidade de formas equivalentes nos documentos antigos; de outro, incluem apenas os parâmetros de variação que são mais informativos, ou seja, aqueles mais claramente reconhecíveis como marcadores das diferentes variedades da língua atual, conforme demonstrado pela regularidade de uso e saliência formal daquilo que distingue uma forma de outra.

VARIAÇÃO FONOLÓGICA

Iniciando pelas variações fonológicas, o primeiro parâmetro a ser considerado é a variação entre /e/ e /i/. Essa variação é potencialmente informativa, pois é a mais frequente atestada no Apurinã atual; Barreto (2007) identificou 37 instâncias dessa variação nos seus dados, das quais as seis iniciais são reproduzidas na Tabela 4.

⁴ “Agaú”, normalmente pronunciado “agaum”, é um termo regional de origem Apurinã usado na região de Lábrea (Amazonas) e que se refere a um tipo de árvore.

Tabela 4. Amostra de variações entre /e/ e /i/ (Barreto, 2007).

Nome em português	Nome em Apurinã	Comunidades								
		km 45	km 124	Camicuã	Peneri	Sepatini	Seruini	Japiim	Vista Alegre	Jatuarana
Açaí	tsapirikiki	-	-				x	x	x	
	tsaperiki			x	x	x		x		
Açaizeiro	tsapirikina	-	-				x		x	-
	tsaperikina			x	x	x		x		
Árvore ou galho de mandioca	kumirikati	-	-	-	-	-	-		x	-
	kumerikata							x		
Assassino	kukaniri	-	-	-	-	-	-		x	-
	kukãneri							x		
Barro de fazer panela	katsare	-	-	-	-		-	-	x	-
	katsari					x				
Bem-te-vi	ipitikiri	-	-	-	-		-	-	x	-
	epitikiri					x				

Na Tabela 5, listamos as correspondências entre os dados dos documentos antigos e os equivalentes do Apurinã atual. Nos documentos antigos, a variação entre /e/ e /i/ também é a variação fonológica mais frequente. Entretanto, nem sempre é possível encontrar tal variação em formas correspondentes nos três documentos; isso se deve às quantidades distintas de dados disponíveis em cada documento, fazendo com que nem sempre as mesmas palavras que ocorrem em um documento ocorram em outro. Apesar disso, quando os dados presentes em cada documento são comparados individualmente aos do Apurinã atual, a predominância da variação entre /e/ e /i/ é clara, e é mais ou menos unidirecional. Ou seja, há muitos casos de formas com o /i/ no Apurinã atual que correspondem a /e/ nos documentos antigos, mas há também muitas formas em que o /e/ nos dados antigos não corresponde a /i/ no Apurinã atual. Por exemplo, enquanto *ni-* ‘1sg’ no Apurinã atual corresponde a *ne-* nos documentos antigos, *-pe* ‘pó, massa’ tem a mesma forma, tanto nos documentos antigos quanto nos dados do Apurinã atual. Além disso, /i/ também aparece nos documentos antigos, por exemplo, nas vogais finais em *ne-potólikĩ* ‘meu joelho’, em Koch-Grünberg, e em *kijwĩ*⁵ ‘cabeça’, em Nimuendajú, e a vogal inicial em *ýwa* ‘3m.sg’, em Polak, cada um representado por uma ortografia distinta. Ainda que haja algumas imprecisões nas transcrições nas fontes antigas, a distinção entre /i/ e outras vogais é feita corretamente em outros casos, o que sugere que a variação entre /i/ e /e/ está relacionada a uma mudança fonológica real em Apurinã, e não a simples erros de transcrições.

O segundo parâmetro de variação fonológica a ser considerado não segue um padrão fonológico em si, pois são apenas formas cujas diferenças envolvem outro segmento fonológico na língua. O primeiro item dessa variação é a palavra para ‘água, chuva’. Há três formas distintas facilmente reconhecíveis pelos falantes da língua: 1 - /ãparã/, 2 - /ĩparã/ e 3 - /ĩpurã/, cada uma associada a grupos de falantes ou comunidades distintas. Aparecem nos documentos antigos apenas uma forma mais semelhante a 2, em Polak: *Imbarán*, e duas formas mais semelhantes a 3, em Koch-Grünberg: *impurãna*, e em Nimuendajú: *ĩborã*.

⁵ No documento de Nimuendajú (1955a), não são descritas as propriedades fonéticas dos símbolos utilizados na ortografia para Apurinã. No entanto, a descrição feita para os símbolos em outro artigo do mesmo autor (Nimuendajú, 1955b), na mesma publicação, indica que o símbolo [i] aproxima-se da vogal alta central não arredondada [ɨ].

Tabela 5. Amostra de variações envolvendo /i/ e /e/.

Apurinã atual	Glosa	Documentos antigos					
		Koch-Grünberg	Glosa	Nimuendajú	Glosa	G. Polak	Glosa
<i>ni-puturiki</i>	Meu Joelho	<i>ne-potólikij</i>	Joelho	<i>ne-potóriké</i>	Joelho	<i>Pútureke</i>	Joelho
<i>ni-kanuke</i>	Braço	<i>ne-kanáke</i>	Braço	<i>nu-kánuke</i>	Antebraço	<i>Cánuke</i>	Braço
<i>uki</i>	Olho	<i>n-oké(e)</i>	Olho	<i>n-ókě</i>	Olho	<i>Ukỳ'</i>	Olho
<i>ni-kiwi</i>	Minha cabeça	<i>n-ekíwi</i>	Cabeça	<i>ne-kjwí</i>	Cabeça	<i>Ykỳ'wý</i>	Cabeça
<i>ji-kiti</i>	Pé	<i>ni-kíte</i>	Pé	<i>ni-kití</i>	Pé	<i>Kíti</i>	Pé
<i>pai</i>	Pai	<i>paté</i>	Pai	<i>pai</i>	Pai	<i>Pátý</i>	Pai
<i>maki</i>	Castanha	<i>maké</i>	Castanha-do-pará	<i>make</i>	Castanha	<i>Maký</i>	Castanha
<i>ni-nini</i>	Língua	<i>ne-nené</i>	Língua	<i>ne-nené</i>	Língua	<i>Néne, nínini</i>	Língua
<i>situ</i>	Mulher	<i>setó</i>	Mulher	<i>šjtú</i>	Mulher	<i>Cítu</i>	Mulher
<i>m-uki-ri</i>	Cego	<i>m-ó:ke-re</i>	Cego			<i>m-uký-'ta</i>	Cego

O segundo e o terceiro itens variam em termos da posição da vogal nasal. A palavra para 'mata, floresta, selva' pode ser 1 - /ithupa/ e 2 - /ithüpa/. Ignorando outros detalhes fonéticos e diferenças na transcrição, a forma 2 é atestada em dois documentos, Koch-Grünberg e Nimuendajú: *itôpa*, e uma forma mais próxima a 1 (por causa da vogal nasal) aparece no terceiro documento: Nimuendajú: *intýbaký*. O mesmo acontece com a palavra para 'urucum': 1 - /apikiri/, 2 - /äpikiri/. Uma forma mais próxima a 1 aparece em Koch-Grünberg: *apénkijrj*, e uma forma mais próxima a 2 aparece em Nimuendajú: *apënkirí*.

O quarto item é a palavra para 'mutum': 1 - /iräka/ e 2 - /irëka/. Apenas duas formas mais próximas a 1 aparecem nos documentos: Koch-Grünberg: *irañká*⁶, Nimuendajú: *iranga*.

O quinto parâmetro são os itens caracterizáveis pela presença do fone [k'], o qual é um alofone da consoante velar /k/ diante de [ɛ] no Apurinã atual. A Tabela 6 ilustra essa correspondência. A presença desse alofone não varia, em geral, entre diferentes falantes e comunidades, mas ele foi incluído aqui diante da possibilidade de os dados antigos revelarem informações sobre a sua origem, os quais mostram as seguintes correspondências a [k'ɛ]: *kiã*, *kyã*, *kié*, *kíe*, *kia* e *ke*. Exceto por um dado em Polak, há consistência na presença de uma vogal alta, e a segunda vogal é sempre uma variante de /a/ ou /e/.

O último parâmetro fonológico a ser considerado é uma das marcas fonológicas mais importantes na distinção entre as diferentes variedades do Apurinã atual, e que consiste na presença ou na ausência da consoante fricativa glotal, /h/, no início de algumas palavras. Barreto (2007) identificou 11 palavras cujas formas variam dependendo se /h/ ocorre ou não (Tabela 7). Essa lista, porém, não é exaustiva, incluindo apenas as palavras que até então tinham sido identificadas.

Tabela 6. Correspondências envolvendo [k'ɛ].

Glosa	Atual	Koch-Grünberg	Nimuendajú	G. Polak
Anta	[k'ɛma]	<i>kiãma</i>	<i>kyãma</i>	<i>Kiamá</i>
Rede	[k'ɛkutʃi]	<i>kiétsj</i>	<i>kíeči</i>	<i>kecuchí</i>
Noite, tarde	[ik'ɛta]	<i>inikiéta</i>		<i>Ingetá</i>

⁶ O símbolo [ñ] assemelha-se ao 'ng' do alemão presente em Engel (Koch-Grünberg, 1919).

Tabela 7. Presença da consoante /h/.

Nome em português	Nome em Apurinã	Comunidades								
		km 45	km 124	Camicuã	Peneri	Sepatini	Seruini	Japiim	Vista Alegre	Jatuarana
Abano	ãputa	-	-		x	-	x		x	x
	hãputa			x				x		
Flor	ĩui			x	x	x	x		x	x
	hĩui							x		
Filhote (gente ou animal)	ākiri	-	-	-	-	-	-		x	-
	hākiri							x		
Grande, chefe dos bichos	avite	-	-		-	-	-	x	-	-
	havite		x	x				x		
Menino	ātakuru	-	-	-	-	-	x	x	-	x
	hātakuru							x		
Onça	hākiti	x	x	x			x	x		
	ākiti				x	x		x	x	x
Piranha	hūma	-	-			-		x		
	ūma			x	x		x	x	x	x
Sangue	erēka	x				x				x
	herēka		x	x				x	x	
Sapo canaaru	āĩuuru	-	-	-	-	-	-		x	x
	hāĩuuru							x		
Vocês	ĩca	-		-		-	x		-	-
	hĩca		x		x			x		
Carneiro	māñiti hāĩvice	-	-	-	-	x	-	x	-	-
	mānite āvica					x				

O fonema /h/ ocorre apenas no início de palavras, exceto se precedido pela forma clítica *nu* = '1sg' (Facundes, 2000). Isso permite distinguir entre duas variedades, uma que contém /h/ no início de algumas palavras, outra que não o contém. Entre as comunidades de fala que contêm /h/, há, ainda, alguma diferença em termos de quais palavras o contêm, como mostra a Tabela 8.

Ao examinarmos os dados nos documentos antigos (Tabela 9), percebemos duas questões: a primeira é que o /h/ já existia no Apurinã antigo; a segunda é que, provavelmente, ao menos as duas primeiras variedades descritas na Tabela 8 existiam na época em que tais dados foram registrados. As informações de Polak representam a variedade em que /h/ ocorre com mais frequência, inclusive na palavra Apurinã para o numeral 'um'. Os dados nas demais fontes são insuficientes para se chegar a uma conclusão, mas sugerem que a variedade lá documentada é uma em que /h/ não ocorre, nem mesmo no termo Apurinã para o numeral 'um'.

Na Tabela 10, resumimos os resultados até aqui obtidos: o primeiro parâmetro mostra que em algumas palavras do Apurinã atual, o fonema /i/ corresponde a /e/ nas mesmas palavras presentes nos documentos antigos,

Tabela 8. Situação no Apurinã moderno.

Variedades atuais	Status do /h/
Aldeia Japiim/ Peneri	/h/ presente em várias palavras, inclusive em <i>hĩthe</i> '2 ^{PL} ' e <i>hãtĩ</i> 'um (numeral)': <i>hãkitĩ</i> 'onça', <i>hãkipa</i> 'coração' etc.
Aldeia Sepatini/ Nova Esperança	/h/ presente apenas nas palavras <i>hĩce</i> '2 ^{PL} ' e <i>hãcu</i> 'um (numeral)': <i>ãkitĩ</i> 'onça', <i>ãkipa</i> 'coração' etc.
Aldeia Seruini	/h/ ausente: <i>ãkitĩ</i> 'onça', <i>ĩce</i> '2 ^{PL.SG} ', <i>ãkipa</i> 'coração', <i>ãcu</i> 'um (numeral)' etc.

Tabela 9. Alternâncias em /h/.

Português	Atual	Polak	Koch-Grünberg	Nimuendajú
Suor	<i>inĩkakare</i>	<i>Hénicancari</i>		
Filho	<i>ãkery</i>	<i>Hankéri</i>		
Filha	<i>ãkeru</i>	<i>Hankéru</i>		
Um (numeral)	<i>hãtĩ</i>	<i>Hántỹ</i>	<i>á:teka</i>	<i>i:kãti</i>
Sozinho	<i>iwanani</i>	<i>Hántuka</i>	<i>á:teka</i>	
Bom	<i>erepitiri</i>	<i>Hánreca</i>	<i>alépĩtirĩ</i>	

Tabela 10. Resumo das variações fonológicas.

Parâmetros	Koch-Grünberg	Nimuendajú	G. Polak
/e/ e /i/	/e/ e /i/	/e/ e /i/	/e/ e /i/
/irãka/ ou /irẽka/?	irãka	irãka	?
/ĩcupa/ ou /icũpa/?	/ĩcupa/	/ĩcupa/	/icũpa/
/apĩkiri/, /ãpikiri/?	/apĩkiri/	/ãpikiri/	?
[k'ɛ]	kiã, kié	kyã, kie	kia, ke, ge
Uso de /h/?	?	?	Sim

e permanecem /i/ em outras palavras. A partir disso, chegamos a duas conclusões: (i) a alternância entre /e/ e /i/ era um parâmetro fonológico que distinguia variedades já no Apurinã antigo; (ii) /e/, ou outra vogal foneticamente aproximada, é umas das fontes de alguns dos /i/ do Apurinã atual. O segundo parâmetro mostra que apenas a forma /irãka/ é atestada nos documentos antigos, sugerindo ser essa a forma mais antiga, e que a forma /irẽka/ seria uma inovação. O terceiro parâmetro, por outro lado, mostra que ambas as formas /ĩcupa/ ou /icũpa/ eram marcas de distintas variedades da língua já no Apurinã antigo, análogo ao que o quarto parâmetro indica em relação a /apĩkiri/ e /ãpikiri/. O quinto parâmetro, que não é uma marca de distinção entre variedades, mas sim um caso geral de alofonia na língua, sugere que a velar palatalizada [k'], que ocorre sempre diante de [ɛ] no apurinã atual, teve origem na vogal /i/, ocorrendo após /k/ e antes de /a/ ou /e/, possivelmente em ditongos.

Finalmente, o sexto parâmetro indica que /h/ já existia em ao menos uma variedade do Apurinã antigo, já operando, portanto, como distinção fonológica entre variedades. O caso de /h/ é particularmente importante, dado o seu status em outras línguas aruák. Como mostram os dados abaixo, /h/ é reconstruível para o estágio que precede o surgimento de Apurinã, Piro e Iñapari como línguas distintas, mas foi perdido na maior parte das palavras em Apurinã,

em alguns casos dando origem à natalidade espontânea da vogal seguinte (Facundes e Brandão, 2005). Os dados da reconstrução interna de Apurinã reforçam a ideia de que /h/ é resultado de retenção, e não de inovação na língua.

Apurinã:	<i>āpikiri</i>	'urucum'
Piro:	<i>hapixri</i>	'urucum'
Iñapari:	<i>hapísiri</i>	'urucum'

VARIAÇÃO LEXICAL

Diferentemente da variação fonológica, a variação lexical envolve palavras cujas formas são completamente distintas umas das outras em termos fonológicos, portanto lexicalmente diferentes. Em contraste com a variação fonológica, na variação lexical o falante não pode inferir a forma de uma variante a partir da forma fonológica da variante correspondente. Os casos de variação lexical tratados aqui, na Tabela 11, resumem-se aos dez mais robustos até então encontrados, de um total de 108 casos listados em Barreto (2007). Cada um desses foi atestado em pelo menos duas comunidades distintas e, portanto, não são idiosincrasias de um falante ou de outro.

Na Tabela 11, a coluna Português lista a glosa das variantes atualmente atestadas. As formas de tais variantes são listadas na coluna Apurinã atual; na coluna Comunidades e em suas subcolunas, 'x' indica em quais entre as comunidades estudadas tais variantes são usadas; finalmente, na coluna Apurinã antigo, a forma atestada nos documentos antigos é listada. As formas do Apurinã atual que apresentam correspondentes no Apurinã antigo estão grifadas. A forma 1, *mapa* 'abelha', deve estar morfológicamente relacionada à forma variante *amapyte*, porém os morfemas envolvidos já não são transparentes sincronicamente. Em 2, a forma compartilhada é *kywy-xike* 'cabeça-cabelo'; em 3, é *kypety-na* 'cutia', em que *-na* é um nome classificatório associado a formas lineares e alongadas; em 4, é *tūti* 'nambu'. Em 5, ambas as formas *īketa* e *īkānu* 'noite' são compartilhadas, portanto eram usadas já no Apurinã antigo. Em 6, a forma é *kikuā* 'papagaio'; em 7, é *irary* 'queixada'; *wainhamary* 'sucuriçu' em 9; *kỹāte* 'sucuriçu' em 9; e *kunāa* 'timbó (cipó)' em 10.

Portanto, entre os dez grupos de variantes analisados, em apenas um caso, item 5 ('noite' *īketa* e *īkānu*), mais de uma variante foi atestada nos documentos antigos. Nos demais casos, apenas uma variante foi atestada em tais documentos. A partir disso, chegamos a duas possíveis informações sobre o passado da língua. Em primeiro lugar, considerando a possibilidade de os dados nesses documentos serem ao menos minimamente representativos das variedades existentes no passado, é possível que as variantes neles atestadas sejam as formas mais antigas na língua. A melhor maneira de verificar essa hipótese seria por meio da identificação de cognatos em outras línguas aruák. Além disso, posto que apenas uma variante para cada um dos nove grupos (de um total de dez) é atestada nos documentos antigos, é plausível supor que, ao menos lexicalmente, havia menos diversidade variacional no passado de Apurinã. Isso significa que a língua teria se diversificado mais no período posterior àquele cujos dados ocorrem nos registros antigos, sugerindo ainda que a diversificação da língua aumentou no período em que o contato com a sociedade envolvente tornou-se mais permanente.

Em relação à origem dessas variações lexicais, os dados e informações são insuficientes para uma análise conclusiva. Entretanto, eles admitem ao menos duas hipóteses: a primeira seria a de que o surgimento da variação lexical teria resultado de desenvolvimento interno na língua, associado à confusão na nomeação de elementos da fauna e combinado com as constantes migrações dos Apurinã que interrompiam os contatos entre os grupos da mesma etnia (as explicações dadas por Brandão (2006) para aparentes sinônimas no Apurinã atual podem ser interpretadas como evidências disso); a segunda hipótese seria de que a diversidade resultaria de empréstimos resultantes do contato com outras línguas durante as constantes migrações Apurinã.

Tabela 11. Comparação entre variações lexicais no Apurinã atual e no antigo.

Item	Nome em Português	Apurinã atual	Comunidades									Apurinã antigo		
			km 45	km 124	Camicuã	Peneri	Sepatini	Seruini	Japiim	Vista Alegre	Jatuarana	Koch-Grünberg	Nimuendajú	G. Polak
1	Abelha	amapite			x		x		x	x				
		mapa	x					x				mapá	mapá	
		ñunūnu		x										
		kāmarĩiu	x		x									
2	Cabelo (da cabeça)	iãki(tfi)								x	x			
		kiwĩfĩketfĩ	x	x	x	x		x	x				ni-kĩĩšiké	
3	Cutia	kipetina	x		x			x	x	x	x	kipétena	kibetena	
		pekiri		x	x	x	x							
4	Jacu	tũti	x		x			x	x	x		tónti	tonti	
		tāpukiri	x	x	x			x	x	x				
5	Noite	ĩketa	x	x	x	x								Ingetá
		ĩkānu						x	x		x	uĩkanúa	uĩganunúgá	Ínganuca, Mapián
6	Paca	kaiati	x	x	x		x	x	x	x	x		kaiaté	
		tĩpama			x	x		x	x	x				
7	Papagaio	kureru	x	x										
		wawati									x			
		kĩkuã			x	x		x	x	x		kĩkuã	kĩnguá	
8	Queixada	irarĩ		x	x		x	x	x	x	x	irarĩ	irarĩ	
		itumaneru	x		x	x								
9	Sucuri, sucurijú	wainamari	x					x	x	x		iminanácore	wainemári	
		kapĩniuti				x				x				
		makiripi						x		x				
		kĩãte	x	x	x							kẽãte, kẽãntĩ		
10	Timbó (cipó)	kunãa	x						x	x	x	akóna	akona	
		ĩtape			x									
		ãapitsa				x		x						
		utsamanerĩ	x											

É fato que, em Apurinã, certos nomes de elementos da fauna e da flora assumem formas lexicalmente distintas em diferentes variedades da língua (Brandão, 2006; Barreto, 2007). Nos dados evidenciados na Tabela 11, vemos que sete dos dez itens investigados referem-se a elementos da fauna. Sabemos que, em se tratando de tais conceitos, é comum haver confusão entre nomes genéricos e nomes específicos de cada espécie, ou mesmo entre nomes de animais distintos, mas que apresentam similaridades físicas (e.g., tipos de papagaios, cobras, cutias etc.). Ainda que essa pudesse ser uma explicação natural para tais variações, ela é, todavia, descartada pela consistência no uso de formas distintas por diferentes falantes, além do reconhecimento de mais de uma variante por aqueles que têm contato com falantes de outras variedades. Podemos afirmar, contudo, que, mesmo sendo improvável que essa confusão no uso de nomes genéricos e específicos explique a variação entre nomes de elementos da fauna no Apurinã atual, ela pode ter sido um fator que operou no passado, tendo contribuído para a diversidade lexical atual. Ou seja, esse fator teria operado entre o período recente e o documentado nos registros antigos. Uma evidência em favor dessa hipótese seria o fato de isso ainda ocorrer em outros domínios semânticos do Apurinã atual. Brandão (2006) cita, por exemplo, os termos *apakatyry* 'cacau de terra firme' e *kanaka* 'cacau da várzea', os quais aparentam ter o mesmo significado, 'cacau', mas que, de fato, nomeiam tipos distintos da planta. Uma análise mais recente aprofundada de cada grupo de variantes seria necessária para determinar a viabilidade dessa hipótese⁷.

Em relação à segunda hipótese, sobre empréstimos, temos como evidência o fato de que, em geral, apenas uma forma em cada grupo de variantes usadas é indubitavelmente cognata com outras línguas aruák. Exemplos disso seriam os termos para 'paca' (Apurinã: *kajati*, Piro: *kajati*, Iñapari: *ajátji*) e 'queixada' (Apurinã: *irari*, Piro: *hijalu*, Iñapari: *hirári*). Tais exemplos, contudo, apenas indicam que essas são as formas mais antigas, e não comprovam que as demais formas variantes tenham sido emprestadas de outras línguas. Seria necessário atestar, por exemplo, casos de formas que não ocorrem em outras línguas aruák, mas que ocorrem em línguas não aruák. Além disso, cabe lembrar que os exemplos de termos em Apurinã identificados como empréstimos de outras línguas indígenas em Facundes e Brandão (2011) não apresentam formas variantes.

As duas hipóteses levantadas aqui são plausíveis, mas necessitam de verificação. Naturalmente, é também possível que os dois fatores, confusão na nomenclatura de fauna e flora durante migrações, e empréstimos em contato com outros grupos, tenham contribuído com diferentes itens ao que hoje constitui essa variedade lexical.

CONCLUSÃO

Estudos comparativos realizados por Facundes (2002), Brandão e Facundes (2007) e Facundes e Brandão (2011) constatarem que há uma proximidade entre as línguas Apurinã, Piro e Iñapari. Esses autores chegaram a essa conclusão por meio de uma comparação de formas lexicais nessas três línguas, da identificação de cognatos e da reconstrução de protoformas lexicais faladas em um estágio anterior à separação destas da então língua-mãe – o Proto-Apurinã-Piro-Iñapari. Isso também permitiu algumas inferências sobre a protocultura e pré-história dos povos falantes dessas línguas. A presente pesquisa levou adiante essa investigação por meio da inclusão de dados antigos, coletados para Apurinã pelos primeiros viajantes que tiveram contato com esse povo nos séculos passados. Os resultados da análise dos dados coletados permitiram determinar que algumas variantes fonológicas já ocorriam no

⁷ Em uma pesquisa que aprofunda os trabalhos de Brandão (2006) e Barreto (2007), Lima (2013) demonstra que há um conjunto de fatores sociolinguísticos, semântico-pragmáticos e taxonômicos que motivam ao menos parte da variação lexical em Apurinã.

passado, quais variantes seriam mais antigas, qual a possível origem da velar palatizada e o fato de a maior parte das variantes lexicais parecer ser resultado de desenvolvimentos recentes na língua, seja por mudanças internas ou por contato com outras línguas.

Tais resultados são importantes para um melhor entendimento do passado Apurinã e da relevância desse conhecimento para os estudos histórico-comparativos aruák, e apontam para questões importantes, as quais devem ser avaliadas em outras pesquisas. Confirmando o aumento da variação após o contato de Apurinã com a língua portuguesa, poderíamos sugerir um possível aumento dos movimentos migratórios dos Apurinã, levando, por um lado, ao distanciamento e à interrupção na interação entre comunidades outrora em contato permanente, e também a um possível aumento do contato, pacífico ou não, com outras etnias, falantes de outras línguas, cujas identidades estariam ainda por ser determinadas por meio de um estudo histórico-comparativo mais amplo.

ABREVIATURAS

1SG	primeira pessoa do singular
2 PL	segunda pessoa
3M.SG	terceira pessoa do singular masculino
F	feminino
M	masculino
PL	plural
SG	singular

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. The Arawak language family. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Orgs.). **The Amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 65-106.

BARRETO, Érica Lúcia. **Variação em Apurinã**: aspectos linguísticos e fatores condicionantes. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

BRANDÃO, Ana Paula. **Dicionário da fauna e flora apurinã**. 2006. Monografia (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

BRANDÃO, Ana Paula; FACUNDES, Sidi. Estudos comparativos do léxico da fauna e flora Aruák. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 2, n. 2, p. 109-131, maio-ago. 2007.

CAMPBELL, Lyle. **Historical linguistics**: an introduction. Cambridge: The MIT Press, 1999.

FACUNDES, Sidi. Historical linguistics and its contribution to improving the knowledge of Arawak. In: HILL, Jonathan D.; GRANERO, Fernando (Orgs.). **Comparative Arawakan histories**. Illinois: University of Illinois Press, 2002. p. 74-96.

FACUNDES, Sidi. **The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – State University of New York, Buffalo, 2000.

FACUNDES, Sidi; BRANDÃO, Ana Paula B. Comparative Arawak linguistics: notes on reconstruction, diffusion and Amazonian pre-history. In: HORNBORG, Alf; HILL, Jonathan D. (Orgs.). **Ethnicity in ancient Amazonia**: reconstructing past identities from archaeology, linguistics, and ethnohistory. Boulder: University of Colorado Press, 2011. p. 197-210.

FACUNDES, Sidi; BRANDÃO, Ana Paula. Hipóteses sobre o desenvolvimento de natalidade espontânea em uma língua aruák. **Estudos Linguísticos**, v. 34, p. 762-767, 2005.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Ein Beitrag zur Sprache der Ipuriná-Indianer. **Journal de la Société des Americanistes**, n. 11, p. 57-96, 1919.

LIMA, Bruna Fernanda S. **Variação, mudanças e o “Duplo Vocabulário” em Apurinã**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

MATTESON, E. Proto Arawakan. In: MATTESON, Esther; WHEELER, Alva; JACKSON, Frances L.; WALTZ, Nathan E.; CHRISTIAN, Diana R. (Orgs.). **Comparative studies in amerindian Languages**. Haya: Mouton, 1972. p. 160-242.

NIMUENDAJÚ, Curt. Vocabulários Makuší, Wapičána, Ipuriná' e Kapišanã'. **Journal de la Société des Américanistes**, v. 44, p. 179-197, 1955a.

NIMUENDAJÚ, Curt. Reconhecimento dos rios Icana, Ayarí, e Uaupés, março a julho de 1927. Apontamentos linguísticos. **Journal de la Société des Américanistes**, v. 44, p. 149-178, 1955b.

PAYNE, David L. Classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (Orgs.). **Handbook of Amazonian Languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991. v. 3, p. 355-499.

POLAK, Jacob E. R. **A grammar and a vocabulary of the Ipuriná language**. London: Kegan Paul, Trench, Trübner Co., 1894. (Vocabulary Publication Fund, n. 1). Disponível em: <<https://archive.org/details/grammarandvocabu00pola>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

RAMIREZ, Henri. **Línguas Arawak da Amazônia setentrional**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

RINGE, Don. Internal reconstructions. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Orgs.). **Handbook of historical linguistics**. Malden: Blackwell, 2003. p. 244-261.